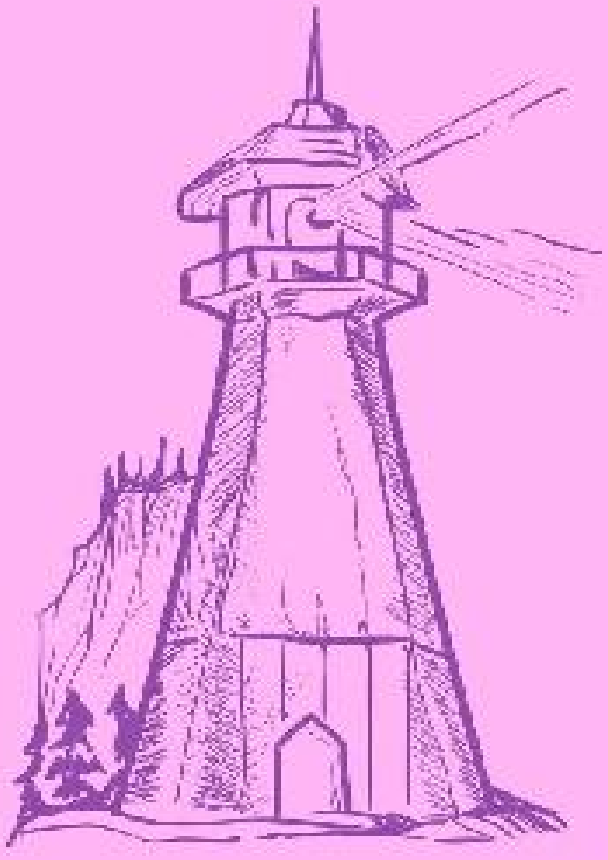
Mary Shelley



A Garota Invisível

A GAROTA INVISÍVEL
Título original: *The Invisible Girl*
Autor: Mary Shelley
Ano de publicação: 1833 (The Keepsake)
País de publicação: Inglaterra

Tradução, revisão e textos de apoio: Michele Zanetti

Imagem: Rosina de William Boxall

Capa: Canva

Conto original e imagem em domínio público.
Direitos da tradução em português: Michele Zanetti
Proibida a reprodução total ou parcial dos textos sem autorização expressa da tradutora.

Brasil - 2021

Apresentação

No conto *A Garota Invisível*, um homem se abriga em uma torre em ruínas durante uma tempestade e lá conhece a história de Rosina, uma garota órfã que se apaixona pelo filho de seu guardião. A história de Mary Shelley foi publicada pela primeira vez em 1833 no periódico britânico *The Keepsake*.



Painted by W. Russell. Engraved by J. C. Edwards

A GAROTA INVISÍVEL

Mary Shelley

Esta breve narrativa não tem as pretensões da regularidade de uma história, ou do desenvolvimento de situações e sentimentos; é apenas um rascunho ligeiro, entregue praticamente da forma como foi narrado a mim por um dos mais humildes envolvidos: também não irei prolongar uma circunstância interessante principalmente por sua singularidade e veracidade, mas narrar, tão concisamente quanto puder, o quão surpreso fiquei ao visitar o que parecia as ruínas de uma torre, coroando um desolado promontório pendente sob o mar, que flui entre o País de Gales e a Irlanda, para encontrar o que, embora seu exterior tivesse preservado toda rudeza selvagem ,que indicava muitos conflitos entre os elementos da natureza, o interior estava de certa forma assentado como um chalé, pois, era pequeno demais para merecer qualquer outro nome. Consistia apenas em um andar térreo, o qual servia como uma entrada, e um quarto acima, que era alcançado por uma escada que saía da parede. Este quarto possuía piso e carpete, decorado com uma mobília elegante; e, acima de tudo, para atrair a atenção e incitar curiosidade, pendurada acima de uma lareira — evidentemente uma lareira havia sido construída para preservar o aposento da umidade, uma vez que assumia uma aparência diferente da finalidade de sua construção — havia uma imagem pintada somente em aquarela, que contrastava, mais do que qualquer um dos ornamentos do quarto, com a rudeza do edifício, a solidão em que foi colocada, e a desolação do cenário ao redor. Essa pintura representava uma adorável garota em todo esplendor da juventude; seu vestido era simples, à moda da época — (lembre-se, leitor, escrevo no começo do século XVIII), seu semblante era embelezado por um olhar que misturava inocência e inteligência, ao qual foi adicionado a impressão da serenidade da alma e uma

alegria natural. Ela estava lendo um daqueles livros de romance que por tanto tempo foram o deleite dos jovens apaixonados; seu bandolim estava aos seus pés — seu papagaio empoleirava-se em um enorme espelho próximo dela; a disposição da mobília e tapeçaria davam sinais de uma habitação luxuosa, e seu traje evidentemente era para ficar em casa em momentos de privacidade, ainda assim carregava uma aparência de tranquilidade e decoração feminina, como se desejasse agradar. Abaixo dessa pintura estava escrito em letras douradas, “A Garota Invisível.”

Vagando sobre uma terra quase desabitada, tendo me perdido e sido surpreendido pela chuva, deparei-me com esta habitação de aparência lúgubre, que parecia balançar com as rajadas de vento, pendurada ali como o próprio símbolo da desolação. Eu a contemplava melancolicamente, e amaldiçoava internamente minha sorte que me levou a uma ruína que não serviria de abrigo, embora a tempestade começasse a rugir com mais força do que antes, quando vi a cabeça de uma velha mulher aparecer de uma espécie de abertura e de repente recuar: — um minuto depois, uma voz feminina me chamou de dentro, e penetrando em um pequeno emaranhado espinhoso que escondia a porta, a qual eu não havia observado antes, de forma tão habilidosa que o jardineiro conseguiu conciliar a arte com a natureza, encontrei uma boa dama parada à soleira, convidando-me para refugiar-me lá dentro.

— Acabei de vir da nossa cabana aqui perto — disse ela —, para dar uma olhada nas coisas, como faço todos os dias, quando a chuva chegou. Deseja ficar aqui até ela passar?

Eu estava prestes a responder que a cabana ali perto, no caso de umas gotas de chuva, era melhor que a torre em ruínas, e ia perguntar à minha bondosa anfitriã se “as coisas” que ela havia vindo cuidar eram pombas ou corvos, quando fui atraído pelo capacho do chão e o carpete das escadas. Fiquei ainda mais surpreso quando vi o quarto no andar de cima; sobretudo, a pintura e sua singular inscrição, chamando-a de invisível aquela que o pintor havia dado uma visibilidade tão agradável com sua coloração, despertando minha curiosidade mais vívida: minha excessiva

polidez com a velha mulher, bem como sua tagarelice natural, resultaram em um tipo de narrativa confusa que minha imaginação complementou, e que pesquisas subsequentes retificaram, até que assumisse a seguinte forma.

Alguns anos atrás, em uma tarde de setembro, que, embora razoavelmente limpa, dava muitos sinais de uma noite tempestuosa, um cavalheiro chegou a um pequeno vilarejo costeiro a umas dez milhas deste local; ele expressou seu desejo em alugar um barco que o levasse à cidade a umas quinze milhas, costa acima. As ameaças prometidas pelo céu fizeram com que os pescadores detestassem a ideia de se aventurar, até que finalmente dois deles, o pai de uma numerosa família, atraído pela generosa recompensa que o estranho prometia — e o outro, o filho da minha anfitriã, induzido por uma audácia juvenil, concordaram em realizar a viagem. O vento estava razoável, e eles esperavam concluir o caminho antes que a noite caísse, e chegar ao porto antes que a tempestade aumentasse. Eles partiram de bom humor, ao menos os pescadores; quanto ao estranho, o profundo pesar que ele aparentava, não mostrava nem metade da escuridão da melancolia que envolvia seus pensamentos. Ele aparentava como se nunca tivesse sorrido — como se algum pensamento inexprimível, escuro como a noite e amargo como a morte, tivesse construído um ninho em sua alma, e se reproduzisse ali dentro eternamente; ele não mencionou seu nome, mas um dos aldeões o reconheceu como Henry Vernon, filho de um baronete que possuía uma mansão a três milhas da cidade de seu destino. Essa mansão estava quase abandonada pela família; mas Henry, em um impulso romântico, havia ido visitá-la três anos antes, e Sir Peter esteve lá durante a primavera anterior por alguns meses.

O barco não avançou como esperado; a brisa os deixou assim que chegaram ao mar, e foram obrigados a usar os remos e a vela, para tentar chegar sem danos ao promontório que se erguia entre eles e o lugar que desejavam alcançar. Ainda estavam bem longe quando o vento inconstante começou a exercer sua força, e soprar

rajadas desiguais com violência. A noite chegou escura como um breu, e as ondas uivantes subiam e quebravam com uma violência assustadora, ameaçando submergir a minúscula embarcação que ousava resistir à sua fúria. Eles foram forçados a baixar cada vela e pegar seus remos; um homem foi obrigado a retirar a água do barco, e o próprio Vernon pegou um remo, e remando com uma energia desesperada, igualando sua força à dos barqueiros mais experientes. Houve muita conversa entre os marinheiros antes que a tempestade chegasse; agora, exceto por um breve comando, todos estavam em silêncio. Um pensava em sua esposa e filhos, e silenciosamente amaldiçoou o capricho do estranho que colocara em perigo não só sua vida, mas o bem-estar de todos; o outro temia menos, pois era um jovem audacioso, mas trabalhava duro e não tinha tempo para conversa; enquanto Vernon, que se arrependia amargamente da negligência que o fizera compartilhar com outros esse perigo, que para ele era insignificante, tentava encorajá-los com uma voz cheia de vivacidade e bravura, empurrando com mais força o remo que segurava. A única pessoa que não parecia completamente empenhada no trabalho que deveria fazer, era aquele que jogava a água para fora; vez ou outra ele observava ao redor com atenção, como se o mar estivesse afastando, em seus fragmentos tumultuosos, algum objeto que seus olhos forçavam para discernir. Mas tudo estava vazio, exceto quando as cristas das altas ondas se mostravam, ou bem longe, à beira do horizonte, uma espécie de levantamento das nuvens denotava uma maior violência das rajadas de vento. Por fim, ele exclamou: — Sim, estou vendo! … O remo a estibordo! … Agora! Se conseguirmos chegar até a luz, estaremos a salvo!

Ambos os remadores instintivamente viraram suas cabeças, mas apenas a escuridão respondeu tristemente aos seus olhares.

— Vocês não conseguem ver — gritou o companheiro — mas estamos nos aproximando dela; e, se Deus quiser, sobreviveremos a essa noite.

Rapidamente ele pegou o remo da mão de Vernon, que, completamente exausto, não conseguia mais remar direito. Ele se

levantou e procurou pelo sinal luminoso que prometia segurança a eles; era um raio que brilhava tão fracamente que ele disse:

— Estou vendo — e logo depois — agora não mais.

Ainda assim, enquanto prosseguiam, a luz se abria à vista, ficando cada vez mais firme e mais distinta, irradiando pelas águas lúridas, que, por sua vez ficavam mais tranquilas, de modo que a segurança parecia surgir do centro do oceano sob a influência daquele brilho tremulante.

— Que luz é essa que nos ajuda em nosso momento de necessidade? — perguntou Vernon, assim que os homens, agora capazes de manejar seus remos com maior facilidade, encontraram fôlego para responder sua questão.

— Um encantada, eu acho — respondeu o marinheiro mais velho — mas não menos verdadeira: ela vem de uma velha torre em ruínas, construída no topo de uma rocha com vista para o mar. Nunca a vimos antes deste verão; e agora cada noite pode ser vista… Ao menos quando é procurada, já que não conseguimos vê-la do nosso vilarejo; é um lugar tão afastado que ninguém vai lá por necessidade, exceto em uma ocasião como essa. Alguns dizem ser iluminada por bruxas, outros, por contrabandistas; mas isso eu sei, duas equipes estiveram lá para procurar, e não encontraram nada além das paredes vazias da torre. Tudo é deserto durante o dia, e escuro à noite; pois nenhuma luz pôde ser vista enquanto estivemos lá, apesar de ter brilhado intensamente quando estávamos no mar.

— Ouvi dizer — observou o marinheiro mais jovem — que ela é emitida pelo fantasma de uma dama que perdeu seu amado por esses lados; ele naufragou, e seu corpo foi encontrado ao pé da torre: ela é conhecida entre nós pelo nome de “Garota Invisível.”

Os viajantes alcançaram a terra firme ao pé da torre. Vernon lançou um olhar para cima, a luz ainda brilhava. Com alguma dificuldade, lutando contra a rebentação das ondas e cegos pela noite, eles conseguiram trazer a pequena embarcação para a costa e arrastá-la para a praia. Então, escalaram o caminho íngreme, coberto de vegetação rasteira e ervas daninhas, e, guiados pelo pescador mais experiente, encontraram a entrada para a torre. Não

havia nenhuma porta ou portão, e tudo estava escuro como uma tumba, e silencioso e quase tão frio quanto a morte.

— Não pode ser! — disse Vernon — Certamente nossa anfitriã irá mostrar sua luz, se não a si mesma, e guiar nossos passos às escuras através de algum sinal de vida e conforto.

— Vamos para o quarto superior — disse o marinheiro — se eu conseguir evitar os degraus danificados. Mas você não encontrará nenhum traço da Garota Invisível nem sua luz, eu garanto.

— Certamente uma aventura romântica do tipo mais desagradável — murmurou Vernon tropeçando no chão irregular — a mulher da luz deve ser feia e velha, ou não seria tão rabugenta e inóspita.

Com bastante dificuldade, e, depois de várias pancadas e hematomas, os aventureiros finalmente conseguiram chegar ao andar superior; mas tudo estava vazio e sem ninguém, e ficaram satisfeitos em deitar no chão duro quando o cansaço, tanto da mente quanto do corpo, tomou conta de seus sentidos, fazendo-os adormecer.

Foi longo e profundo o sono dos marinheiros. Vernon só relaxou por uma hora; então, afastou a sonolência, e achando o sofá duro desagradável para seu repouso, levantou-se e parou diante do buraco que servia como uma janela, pois não havia nenhum vidro. E como não tinha nem mesmo um assento duro, ele se recostou contra o parepeito, o único apoio que pôde encontrar. Ele havia esquecido do perigo, da luz misteriosa, e sua guardiã invisível: seus pensamentos estavam ocupados com os horrores de seu próprio destino, e com a miséria inexprimível que residia como um pesadelo em seu coração.

Seria necessário um volume de bom tamanho para relatar as causas que mudaram aquele Vernon, que um dia foi feliz, e se tornou o ser mais triste e infeliz ao se agarrar aos arreios externos da dor, como símbolos fracos, porém estimados, da desgraça interior. Henry era o único filho de Sir Peter Vernon, e tão mimado pela idolatria ao seu pai quanto o temperamento violento e tirânico do velho baronete permitia. Uma jovem órfã foi educada na casa de seu pai, que da mesma forma era tratada com generosidade e

bondade, e ainda assim vivia em um medo profundo da autoridade de Sir Peter, que era um viúvo; e essas duas crianças eram tudo que ele tinha para poder exercer seu poder, ou a quem estender seu afeto. Rosina era uma garota alegre, um pouco tímida, e tomava cuidado para evitar desagradar seu protetor; mas era tão dócil, tão bondosa, e tão afetuosa, que sentia até menos que Henry o espírito discordante de seu pai. É uma história frequentemente contada; que eles eram companheiros de brincadeira na infância, e se tornaram amantes depois. Rosina ficava apavorada em imaginar que seu amor secreto, e os votos que trocaram, pudessem ser reprovados por Sir Peter. Mas às vezes ela se consolava pensando que talvez estivesse destinada a ser a noiva de Henry, trazida a ele com o desejo de sua futura união; e Henry, julgando que esse não era o caso, resolveu esperar até que tivesse idade para se declarar e realizar seu desejo de fazer da doce Rosina sua esposa. Enquanto isso, ele foi cuidadoso ao evitar a descoberta prematura de suas intenções, para assim assegurar sua amada garota da perseguição e do insulto. O velho cavalheiro era convenientemente cego; sempre viveu no campo, e os amantes passaram suas vidas juntos, sem reprovação e sem controle. Bastava que Rosina tocasse seu bandolim e cantasse para Sir Peter dormir todos os dias após o jantar; ela era a única mulher na casa acima da categoria dos empregados, e tinha sua própria forma de dispor de seu tempo. Até mesmo quando Sir Peter ficava carrancudo, seus afagos inocentes e sua voz doce eram poderosas o suficiente para acalmar a corrente rude de seu temperamento. Se algum dia um espírito humano viveu em um paraíso na terra, Rosina conseguiu isso naquela época: seu amor puro se alegrava com a presença constante de Henry; a confiança que sentiam um pelo outro, e a segurança com que olhavam para o futuro, apresentavam-lhes um caminho de rosas sob um céu sem nuvens. Sir Peter era o delicado inconveniente que apenas tornava seus encontros particulares ainda mais encantadores, e fazia valer ainda mais o carinho que sentiam um pelo outro. De repente, uma personagem sinistra apareceu na casa de Vernon, na forma da irmã viúva de Sir Peter que, tendo conseguido matar seu marido e filhos com os efeitos de seu

temperamento vil, veio como uma harpia sedenta por novas presas, sob o teto de seu irmão. Ela também logo detectou a ligação do par insuspeito. Rapidamente ela comunicou a suspeita para seu irmão, que, ao mesmo tempo, reprimiu e inflamou seu ódio. Através de sua sugestão, Henry foi repentinamente enviado para suas viagens no exterior, para que assim a área ficasse livre para a perseguição a Rosina; e então, o mais rico dos muitos admiradores da adorável garota, a quem, sob o reinado individual de Sir Peter, por desejar tanto em manter a garota para seu próprio conforto, a garota teve autorização, ou melhor, quase foi obrigada a dispensar, agora havia sido escolhido para ser seu noivo.

As cenas de violência a que ela estava exposta, as amargas provocações da odiosa Sra. Bainbridge, e a fúria impulsiva de Sir Peter eram as coisas mais amedrontadoras e esmagadoras dessa nova situação. Ela conseguia apenas se opor a tudo isso com um silêncio triste, mas com a imutável firmeza de propósito: nenhuma ameaça, nenhum ódio poderia arrancar dela mais que uma prece comovente para que eles não a odiassem, porque ela não iria obedecê-los.

— Deve haver algo que não estamos vendo embaixo de tudo isso — disse a Sra. Bainbridge — dou-lhe minha palavra, irmão, ela está se correspondendo secretamente com Henry. Deixe-me levá-la para sua casa no País de Gales, onde ela não terá criados para ajudá-la; e veremos se seu espírito não se curvará ao nosso propósito.

Sir Peter consentiu, e os três se dirigiram a ——shire, e fizeram morada na solitária casa de aparência sombria, mencionada anteriormente como pertencente à família. Aqui os sofrimentos da pobre Rosina ficaram intoleráveis: antes, rodeada por cenários conhecidos, e contato constante com rostos bondosos e familiares, ela superava a crueldade de seus perseguidores com paciência. Tampouco escreveu para Henry, pois, seu nome não foi mencionado por seus parentes, nem houve alusões à sua ligação, e ela sentiu

um desejo instintivo de escapar dos perigos ao seu redor sem incomodá-lo, ou sem que o sagrado segredo de seu amor fosse revelado, e ofendido pelo abuso vulgar de sua tia ou as maldições amargas de seu pai.

Mas quando ela foi levada a Gales, e feita prisioneira em seu quarto, quando as pedregosas montanhas ao seu redor pareciam imitar debilmente os corações de pedra com que tinha que lidar, sua coragem começou a falhar. A única criada que era permitida para se aproximar dela era a camareira da Sra. Bainbridge; e sob a tutela de sua demoníaca patroa, essa mulher foi usada como uma isca para atrair a confiança da pobre prisioneira, para então ser traída. A singela e bondosa Rosina era um joguete fácil, e por fim, no excesso de seu desespero, escreveu para Henry e deu a carta a essa mulher para que fosse enviada.

A carta em si teria amolecido até mármore; não mencionava seus votos mútuos, mas pedia-lhe que intercedesse com seu pai, para que a restaurasse no lugar bondoso que um dia havia ocupado em seu afeto, e parasse com a crueldade que iria destruí-la. “Pois eu prefiro morrer — escreveu a desafortunada garota — mas casar com outro… nunca!” Aquela única palavra, de fato, foi o suficiente para denunciar seu segredo, se é que já não havia sido descoberto; aumentando assim a fúria de Sir Peter quando sua irmã triunfantemente lhe mostrou. Nem é preciso dizer que enquanto a tinta do endereço ainda estava úmida e o selo ainda quente, a carta de Rosina foi entregue a essa senhora. A culpada foi convocada ante eles; o que se seguiu ninguém sabe dizer; pois, o par cruel, em seu próprio benefício, tentou atenuar sua participação.

As vozes eram altas, e o murmúrio suave do tom de Rosina se perdeu em meio aos uivos de Sir Peter e os rosnados de sua irmã.

— Você deve partir desta casa — rugiu o velho homem — debaixo do meu teto você não passará mais nem uma noite.

E as palavras “sedutora infame” e coisas piores, que nunca haviam encontrado os ouvidos da pobre garota, foram captadas pelos criados que escutavam; e para cada fala raivosa do barão, a Sra. Bainbridge adicionava um ponto envenenado pior que o resto.

Mental e emocionalmente exausta, Rosina foi finalmente dispensada. Se guiada pelo desespero, se levou as ameaças de Sir Peter literalmente, ou se as ordens de sua irmã foram mais decisivas, ninguém sabia, mas Rosina deixou a casa; um empregado a viu cruzar o parque, chorando e torcendo as mãos conforme andava. O que aconteceu com ela ninguém sabia dizer; seu desaparecimento não foi revelado a Sir Peter até o dia seguinte, e quando ele demonstrou sua ansiedade em rastrear seus passos e encontrá-la, é que suas palavras se mostraram apenas ameaças vazias.

A verdade era que, embora Sir Peter tivesse feito de tudo para impedir o casamento do herdeiro de sua casa com a órfã sem dote, o objeto de sua caridade, ainda assim, em seu coração ele amava Rosina, e metade de sua violência contra ela surgiu de si mesmo por tratá-la tão mal.

Agora o remorso começava a atormentá-lo, quando um mensageiro após o outro voltava sem notícias de sua vítima; ele não ousava confessar seus piores medos a si mesmo. E quando sua cruel irmã, tentando endurecer sua consciência com palavras raivosas, gritou: — Aquela depravada perversa certamente tirou a própria vida para se vingar de nós — uma promessa da mais tremenda, e um olhar o suficiente para fazê-la tremer, ordenaram que ficasse em silêncio. Sua suposição, entretanto, parecia verdadeira também: um rio rápido e escuro que fluía na extremidade do parque havia, sem dúvidas, recebido a adorável figura, e mitigado a vida dessa garota desafortunada.

Sir Peter retornou à cidade quando seus esforços para encontrá-la se mostraram infrutíferos, assombrado pela imagem de sua vítima, e forçado a reconhecer em seu próprio coração que ele daria sua vida voluntariamente para poder vê-la novamente, até mesmo se fosse como a noiva de seu filho — seu filho, diante de cujo questionamento ele se encolheu como um verdadeiro covarde; pois, quando Henry foi avisado sobre a morte de Rosina, ele voltou repentinamente do exterior para saber a causa — para visitar seu túmulo, e prantear sua perda nos bosques e vales que haviam sido os cenários de felicidade mútua. Ele fez mil perguntas, e apenas um silêncio agourento respondeu. Ficando cada vez mais impetuoso e ansioso, por fim ele arrancou dos empregados e criados, e de sua própria odiosa tia, a terrível verdade por completo. Daquele momento em diante, o desespero ocupou seu coração, e a miséria tomou conta dele. Ele fugiu da presença de seu pai; e ele foi assombrado pela lembrança daquele que deveria reverenciar, que era o culpado de um crime tão obscuro, assim como o velho Eumênides foi atormentado pelas almas dos homens torturados.

Seu primeiro e único desejo era visitar Gales, e ver se alguma nova descoberta foi feita, e se era possível recuperar os restos mortais da perdida Rosina, para assim satisfazer as ânsias turbulentas de seu miserável coração. Ele estava indo para esta expedição quando fez sua aparição na vila mencionada acima; e agora, na torre deserta, seus pensamentos se ocupavam com imagens de desespero e morte, e o que sua amada havia sofrido antes que sua natureza gentil fosse incitada a tal ato perverso.

Enquanto imerso em um devaneio sombrio, ao qual o rugido monótono do mar se encaixava perfeitamente, as horas voaram, e Vernon finalmente percebeu que a luz da manhã arrastava-se para fora de seu abrigo ao leste, e amanhecia sobre o oceano selvagem, que ainda quebrava em um furioso tumulto na praia rochosa. Seus companheiros agora se levantavam e se preparavam para partir. A comida que haviam trazido foi avariada pela água do mar, e a fome

que sentiam, depois do trabalho duro e muitas horas de jejum, tornou-se voraz.

Era impossível colocar o barco destruído no mar; mas havia uma choupana de pescadores a duas milhas em um recesso na baía, formado por um lado do promontório onde se situava a torre, e se apressaram para lá para poderem repará-lo; não pensaram mais sobre a luz que os salvou, nem sobre sua causa, mas deixaram as ruínas em busca de um asilo mais acolhedor. Vernon deu uma olhada ao redor enquanto saía de lá, mas não encontrou vestígio algum de um habitante, e começou a se persuadir que a luz havia sido apenas uma criação da sua fantasia. Ao chegarem no chalé em questão, o qual era habitado por um pescador e sua família, eles fizeram um desjejum rústico, e então se prepararam para retornar à torre, a fim de reparar o barco, e se possível colocá-lo de volta ao mar. Vernon os acompanhou, juntamente com o anfitrião e seu filho. Várias perguntas foram feitas a respeito da Garota Invisível e sua luz, todos concordando que a aparição era estranha, mas ninguém foi capaz de explicar de como tal nome foi associado à causa desconhecida dessa aparição singular. Embora os dois homens no chalé confirmaram ter visto, uma ou duas vezes, uma figura feminina na floresta adjacente, e que, de vez em quando, uma garota desconhecida aparecia em outra choupana a um quilômetro, do outro lado do promontório, para comprar pão; eles suspeitavam serem a mesma pessoa, mas não podiam garantir. Os habitantes da choupana, de fato, pareciam estúpidos demais até mesmo para sentirem curiosidade, e nunca haviam tentado descobrir. Os marinheiros gastaram o dia inteiro no reparo do barco; e o som de martelos e as vozes dos homens trabalhando ressoavam ao longo da costa, misturando-se com a colisão das ondas. Essa não era a hora de explorar a ruína em busca de alguém humano ou sobrenatural, que, tão evidentemente, havia cortado relações com cada ser vivo. Vernon, entretanto, foi até a torre e vasculhou cada canto em vão; as paredes vazias e encardidas não carregavam nenhum sinal de terem servido como abrigo; e até mesmo um

pequeno recesso na parede da escada, o qual ele não havia observado antes, estava igualmente vazio e desolado.

Ao deixar a torre, ele vagou pela floresta de pinheiros que a cercava, e desistindo de qualquer ideia de resolver o mistério, logo se ocupou com pensamentos que tocavam seu coração mais de perto, quando repentinamente apareceu no chão aos seus pés a visão de um sapato. Desde Cinderela, jamais se viu um sapato tão minúsculo. Como se o sapato pudesse falar, ele contava uma história de elegância, beleza e juventude. Vernon o pegou; ele admirou com frequência o singularmente pequeno pé de Rosina, e seu primeiro pensamento foi se este sapatinho caberia nele. Era muito estranho! — Ele deve pertencer à Garota Invisível. Então realmente existiu uma forma encantada que acendeu a luz, uma forma de substância material, cujo pé precisava ser calçado; e ainda assim, que tipo de calçado? Um tipo tão bonito, e de formato tão delicado, que lembrava exatamente aqueles que Rosina usava! Novamente a recorrência da imagem da amada morta veio com força à sua mente; e mil sensações familiares, infantis, porém doces, amorosas, porém triviais, preencheram o coração de Vernon, e assim ele se jogou no chão, e chorou mais amargamente do que nunca pelo destino miserável da doce órfã.

Ao fim da tarde, os homens pararam de trabalhar, e Vernon retornou com eles à choupana em que iriam dormir, com a intenção de fazer a viagem, se o tempo permitisse, na manhã seguinte.

Vernon não falou nada sobre o sapato, apenas voltou com seus rudes companheiros. Ele olhava para trás com frequência; mas a torre se erguia de modo sombrio sobre as ondas escuras, e nenhuma luz apareceu. As preparações para que se acomodassem na choupana foram feitas, e a única cama foi oferecida a Vernon; mas ele se recusou a privar sua anfitriã dela, e estendendo seu casaco em uma pilha de folhas secas, esforçou-se para ter algum descanso. Ele dormiu por algumas horas; e quando acordou, tudo

estava quieto, exceto pela respiração pesada dos adormecidos que interrompia o silêncio.

Ele se levantou e foi à janela — olhando para o mar plácido em direção à torre mística; a luz brilhava lá, enviando seus finos raios através das ondas. Felicitando-se por uma circunstância que não esperava, Vernon deixou o chalé suavemente, e, enrolando-se em seu casaco, andou com passos rápidos ao redor da baía em direção à torre. Ele chegou lá; a luz ainda brilhava. Entrar e devolver o sapato à dama seria um ato de cortesia; e Vernon teve a intenção de fazer isso com certo cuidado, chegando sem ser notado, antes que sua portadora, como fazia de costume, desaparecesse diante de seus olhos; mas, infelizmente, enquanto caminhava pelo estreito caminho, seu pé deslocou um fragmento solto, que caiu com um baque no precipício. Ele disparou à frente, para recuperar rapidamente a vantagem que havia perdido com esse infeliz acidente. Chegou à porta e entrou; tudo estava silencioso, e também tudo escuro. Parou no aposento inferior; teve certeza que um leve som chegou ao seu ouvido. Subiu os degraus, e entrou no quarto superior; mas a obscuridade vazia encontrou seu olhar penetrante, a noite sem estrelas não admitia nem mesmo um vislumbre na penumbra através da única abertura. Ele fechou os olhos, para tentar, ao abri-los de novo, captar em seus nervos visuais algum fraco raio de luz errante; mas foi em vão. Ele tateou o quarto: ficou parado e segurou a respiração; e então, escutando com atenção, teve certeza que alguém ocupava o quarto com ele, e que a atmosfera agitava-se discretamente pela respiração de outra pessoa. Ele se lembrou do recesso na escada; mas antes de se aproximar, após hesitar por um momento, falou:

— Devo acreditar que —, ele disse —, só um infortúnio pode causar seu isolamento. E se a ajuda de um homem… de um cavalheiro…

Uma exclamação o interrompeu; uma voz tumular falou seu nome. Nela, o tom de Rosina pronunciava: — Henry!... É de fato o

Henry que estou ouvindo?

Ele correu para frente, guiado pelo som, e apertou em seus braços a forma viva da garota por quem havia lamentado — sua própria Garota Invisível; pois, mesmo enquanto sentia as batidas do coração dela, e enquanto enlaçava sua cintura com o braço, impedindo-a que desabasse no chão com a agitação, ele não conseguia vê-la. E enquanto seus soluços a impediam de falar, nenhum sentido além do instinto, que preenchia seu coração com uma alegria tumultuosa, disse-lhe que a esguia e definhada forma que ele apertava tão ternamente era a sombra viva da bela Hebe que ele havia adorado.

A manhã viu esse par tão estranhamente reunido no mar tranquilo, navegando com um vento razoável para L—, de onde iriam prosseguir para a casa de Sir Peter, da qual, três meses antes, Rosina havia partido em tanta agonia e terror. A luz da manhã dispersava as sombras que a obscureciam, e revelava a beleza da Garota Invisível. De fato, ela estava alterada pelo sofrimento e pela angústia, mas o mesmo sorriso doce ainda se mostrava em seus lábios, e a tenra luz de seus suaves olhos azuis que era só dela. Vernon pegou o sapato, e mostrou aquilo que o levou descobrir quem era a guardiã do farol místico; nem mesmo agora ele não ousou perguntar como ela vivera naquele lugar desolado, ou a razão dela ter tão diligentemente evitado a observação, quando a coisa certa a ter sido feita, seria tê-lo procurado imediatamente, e sob seus cuidados, protegida por seu amor, nenhum perigo teria que ser temido. Mas Rosina se encolheu quando ele falou, e uma palidez cadavérica tomou conta de suas bochechas, enquanto ela falava fracamente:

— A maldição de seu pai… As ameaças terríveis de seu pai!

De fato, parecia que a violência de Sir Peter, e a crueldade da Sra. Bainbridge, haviam obtido sucesso em impressionar Rosina com um terror selvagem e invencível. Ela fugiu da casa deles sem

plano ou premeditação — movida pelo horror frenético e por um medo esmagador, ela foi embora quase sem dinheiro, e parecia não existir a possibilidade nem de voltar, nem de prosseguir. Ela não tinha nenhum amigo no mundo, exceto Henry; para onde ela poderia ir? Procurar por Henry teria selado seus destinos à miséria; pois, com uma praga, Sir Peter declarou que ele preferia vê-los mortos a casados. Após vagar por lá, escondendo-se durante o dia e se aventurando apenas à noite, ela chegou a essa torre deserta, que parecia um lugar para refúgio. Por quanto tempo viveu ali, ela não sabia dizer; ela ficava na floresta durante o dia, ou dormia no vão da torre, um asilo que não era conhecido por ninguém ou não havia sido descoberto: durante à noite, ela queimava as pinhas da floresta, e essa era sua hora mais querida; pois, lhe parecia que a escuridão lhe trazia segurança. Ela não sabia que Sir Peter havia deixado aquela parte do país, e ficava aterrorizada pensando que seu esconderijo pudesse ser revelado a ele. Sua única esperança era que Henry retornasse — que Henry nunca descansasse até a encontrar. Ela confessou que a longa espera e a aproximação do inverno a desanimaram; ela temia que, sentindo-se mais fraca, e com seu corpo atrofiando a um esqueleto, ela poderia morrer e nunca mais ver seu Henry novamente.

Uma doença, de fato, apesar de todo cuidado, seguiu sua recuperação à segurança e aos confortos da vida civilizada; muitos meses se passaram até que o esplendor revisitasse suas bochechas, e seu membros ganhassem massa novamente, ela parecia mais uma vez a pintura feita em seus dias de felicidade, antes da visita de qualquer sofrimento. Era uma cópia desse retrato que decorava a torre, o cenário de seu sofrimento, onde encontrei abrigo. Sir Peter, feliz demais por ser aliviado das pontadas de remorso, e satisfeito ao ver novamente sua órfã, a quem ele realmente amava, agora estava impaciente por aquilo a que tinha aversão antes, dar a bênção à sua união com seu filho: eles nunca mais viram a Sra. Bainbridge novamente. Mas a cada ano eles passam alguns meses em sua mansão galesa, o cenário de sua felicidade conjugal, e o local onde a pobre Rosina despertou

novamente para a vida e a alegria depois de sua perseguição cruel. O cuidado afetuoso de Henry mobiliou a torre e a decorou como eu vi; e ele frequentemente vinha, com sua “Garota Invisível”, para renovar, na própria cena do acontecimento, a lembrança de todos os incidentes que os levaram a se encontrar de novo, durante as sombras da noite, naquela ruína afastada do mundo.

Fim